

seu chefe de gabinete, pois tinha de partir para o Parlamento, donde o chamavam) nos seguintes termos:

«Encarrega-me Sua Excelencia Ministro Instrução apresentar V. Ex.ª seus melhores cumprimentos pedindo desista inesperado pedido demissão.

Senhor Ministro poude há dias patentear Vossa Excelencia sua consideração e desconhecedor embora razões seu pedido está convencido de que V. Ex.ª poderá manter-se à frente da Universidade prestigiando-a e dirigindo-a com o comprovado critério até hoje demonstrado. — *Simões Raposo*, chefe do gabinete.

Ora, com êste telegrama amabilíssimo deram se dois factos extraordinários: 1.º o Reitor não respondeu ao telegrama, persistindo portanto em não declarar ao Ministro o motivo do seu pedido de demissão; 2.º o Reitor não deu conhecimento de tal telegrama a certas pessoas com quem se expandia (fazendo assim supôr que não era bem tratado pelo Ministro) pelo que os dois professores que vieram mais tarde a Lisboa falar com o Ministro lhe declararam com o maior espanto ignorar o telegrama, cuja existencia, segundo disseram, bastava para mudar a seus olhos todo o aspecto da questão.

Se o Reitor, em vez de mandar um telegrama sibilino, da primeira vez, e de deixar de responder, da segunda, se tem explicado com o Ministro, — tudo se teria arranjado facilmente.

Mas o Reitor nem teve a coragem de contrariar os inimigos do funcionário nomeado, nem a de aparecer ao Ministro a pedir-lhe a revogação de um despacho contra o qual não reclamara no primeiro nem no segundo encontro, e sobre cuja pretensa ilegalidade ou inconveniencia se negou até hoje a explicar-se.

O Reitor com efeito só poderia ter uma saída: fazer o que fez o Senado: declarar dispensável o cargo de official mór. Mas isso não o queria fazer o Reitor, porque por duas vezes *perfilhara* um projecto em que se recomendava o provimento do dito cargo. Pôde porém fazê-lo o Senado, porque o projecto (só mais tarde o Ministro o soube, com grande espanto dêle e de toda a gente) — não era do Senado!! Não era do Senado o projecto! O projecto perfilhado pelo Reitor, e por êle recomendado ao Ministério, foi elaborado... *pelo pessoal da secretaria*, e mandado para Lisboa *sem conhecimento dos professores!* Tableau!

E aí está, talvez, porque o Reitor achou preferível amuar, barafustar, tomar atitudes altisonoras de dignidades ofendidas... a explicar-se calmamente com o Ministro, que com tanta amabilidade lhe respondeu, convidando-o a uma explicação.

Mais uma vez, portanto, se demonstrou a veracidade — e applicabilidade — do aforismo dos franceses: «tu te fâches, donc — tu as tort».

*
* *
*

O estado de saúde do nosso querido amigo dr. Faria de Vasconcelos, pelo grande abalo moral que sofreu, tem-lhe permitido apenas realizar, com sacrificio, os seus cursos da Faculdade de Letras e da Escola Normal Superior, não podendo, porisso, seguir de perto a acção política e governativa da *Seara Nova*.

«A BATALHA» E A «SEARA NOVA»

A propósito dum suelto do nosso último número, escreveu *A Batalha*:

«Extranha o último número da *Seara Nova* que *A Batalha* tenha feito reparos e tenha mesmo divergido das ideas políticas do grupo intelectual que a edita e dalguns actos do sr. António Sérgio, como ministro da Instrucção. Afirmada a extranhesa, a *Seara Nova* exprime, a seguir, o desejo de que *A Batalha* defina claramente a maior ou a menor consideração em que tem as suas ideas e a sua sinceridade.

E' com grande satisfação que vamos responder concretamente. A *Seara Nova* e *A Batalha* tem as suas opiniões definidas. Tam sincera e claramente definidas que não existe o menor equivoco entre essas duas orientações doutrinárias. Contudo essa divergência não impediu que alguns escritores e críticos daquela revista viessem realizar uma sessão contra a pena de morte, perante um público operário e no próprio edificio da C. G. T. Essa divergência não impediu igualmente que o dr. sr. Câmara Reis que pertence à *Seara Nova* realizasse nalguns sindicatos operários interessantes conferências literárias. E, damos por certo, que a mesma divergência de ideas, não será impeditiva da realização num futuro próximo de actos semelhantes. E essas relações podem subsistir porque não foram colocadas no terreno político. São trabalhadores manuais e trabalhadores do espirito, e não sindicalistas e republicanos que se tem encontrado e com grande satisfação reciproca.

De nenhum modo pensámos em convidar os componentes da *Seara Nova* a abdicar das suas ideas para compartilhar das nossas. A *Seara Nova* também nunca pensou em exercer nenhuma tutela ou influencia doutrinária na *Batalha*.

Nunca atacámos, no dr. António Sérgio, o pedagogo. Referimo-nos em discordância, mas ao ministro.

Será porventura motivo de ofensa à *Seara Nova* mantermos o nosso critério perante os acontecimentos sociais, políticos e economicos do país? Cremos que não. E aqui fica dada a clara explicação que aquella revista em termos delicados e correctíssimos nos pediu».

Agradecendo estas palavras, esperamos que a *A Batalha* transcreva, por completo, da primeira página dêste número, a justificação do nosso querido amigo e ilustre membro da *Seara Nova*, Dr. Mário de Azevedo Gomes, perante as suas violencias e graves acusações.



Leitor, se a obra da SEARA merece o teu apoio, assina a nossa Revista, se já és assinante, paga espontaneamente a assinatura, evitando-nos a pesada : : : despesa da cobrança : : :